

## **Museu Nacional de Etnologia, o símbolo de um sonho tornado realidade<sup>1</sup>**

**Por: João Niove**

Inaugurado, oficialmente, numa solene e vespertina tarde de 23 de Agosto de 1956, um dia após à elevação da Vila de Nampula à categoria de cidade, o então **Museu Regional “Comandante Ferreira de Almeida”**, a 23 de Agosto de 2018, o **Museu Nacional de Etnologia**, comemora o seu 62º aniversário, como uma instituição aberta ao público.

Uma data histórica, como esta, não é um simples acontecimento registado no tempo e espaço, mas um facto construído com um rigor científico e que deixa marcas indeléveis na vida de uma comunidade como a de Nampula. Deve ter sido com este diapasão que a ex-Câmara Municipal de Nampula celebrou o 23 de Agosto, como data do então Museu Regional “Comandante Ferreira de Almeida”.

Integrado nos projectos dos museus regionais, o Museu Regional

“Comandante Ferreira de Almeida”, em Nampula, rebentou, tal como o respectivo Município, com o mito de pioneirismo, ao ser o único sonho transformado em realidade dos três museus projectados para Moçambique, na altura, sendo um para cada uma das regiões, Norte, Centro e Sul.

Por este museu desfilaram várias e diferentes personalidades das mais variadas áreas do saber, da política e da cultura e arte. E, porque o museu foi o culminar de um sonho de gente laboriosa e empreendedora, e, pese embora, tivesse sido ainda no princípio, a administração do museu havia organizado um documento de registo diário, como se um diário de campanha se tratasse, em que nele se pudessem reflectir os sentimentos das diferentes personalidades da época que tiveram a oportunidade de poder visitar este Museu.

É assim que entendemos ser pertinente, (re) tornar públicos esses sentimentos manifestados através da escrita, constantes e extraídos do “**Livro de Ouro**”, patentes no então Museu

<sup>1</sup> In Semanário “Magazine” Independente, de 20 de Janeiro e de 03 de Fevereiro de 2010, Ano III, N°s 147 e 148.

Regional “Comandante Ferreira de Almeida”.

Este “**Livro de Ouro**”, como dissemos atrás, é quase um diário de campanha e por esse facto, vamos extrair parte de alguns sentimentos expressos na altura por algumas personalidades. Mas antes gostaríamos de chamar a atenção em relação ao que mais adiante vamos reproduzir, pois as ideias postulam uma existência, e como tal têm de ser transmissíveis, dado que elas também podem conservar-se e porque não crescer.

Cerca de um ano antes da sua abertura, **Manuel Maria Sarmiento Rodrigues**, antecipara a sua satisfação expressando “*Abro este livro com muito agrado, por me ser dada a oportunidade de participar numa obra de cultura...*” Nampula, 30.03.1955.

Decorridos 7 dias após à data de inauguração do Museu ao público, **Luís Mendonça de Albuquerque**, Professor Catedrático da Universidade de Coimbra, imortalizou o seu sentimento nos seguintes termos “... *Não esquecerei esta visita, nem deixarei de apontar este*

*exemplo como o de Museu moderno, onde o visitante se não cansa e tem pena de se ir embora*”. Nampula, 30.08.1956

Por seu turno, **Vitorino Nemésio**, Professor da Faculdade de Letras de Lisboa afirmara numa data altura que “...*Do museu Ferreira de Almeida, que Adelino Pereira ergueu, só digo que me comove. A sóbria riqueza dos materiais, e critério museológico, a integração dos vários aspectos etnológicos – tudo excelente e feito num tempo-record para uma cidade tão recente como Nampula...*”, Nampula, 16.09.1960.

O Museu Nacional de Etnologia é um recheio de diferentes manifestações de cultura e arte que expõe entre outros elementos o Homem como um ser gregário por excelência e que nele é apresentado em termos de desafio/resposta, pois, mesmo disfarçando incompreensões enquanto realidades, sente-se o diálogo natureza-ambiente/Homem.

Os vários e diferentes artefactos ou manufactos que o museu expõe é uma manifesta evidência das respostas que o

Homem inserido nesse ambiente geográfico-natural experimenta, aliás, as culturas, quando sabiamente adaptadas ao meio, formam, sempre que possível, ecossistemas equilibrados.

Há quem sustenta que a *“cultura surgiu, por um lado, para responder às necessidades da vida material e por outro às exigências da vida espiritual”* de cada grupo humano ou comunidade. Talvez, terá sido por isso que o saudoso Presidente Samora Machel dissera algures que a *“Cultura é Sol que nunca desce”*.

### **Boletim do Museu de Nampula, um projecto efémero (?)**

O Boletim do Museu de Nampula foi uma iniciativa notável de manifestação de cultura e de arte levada a cabo pelos seus redactores, M.A. George e Adelino Pereira, este último na sua qualidade de conservador/curador do museu, que se pretendia, na altura, o repositório etnográfico e etnológico do Norte de Moçambique. Refira-se que Adelino Nasi Pereira, foi um dos percursos das diferentes manifestações socioculturais de alguns grupos etno-linguísticos de

Moçambique e com maior realce para os povos do Norte de Moçambique.

Como Curador e/ou Conservador do Museu Regional **“Comandante Ferreira de Almeida”**, Adelino Pereira teve uma tarefa não menos fácil pois cabia-lhe, de entre outras funções, gerir, conservar e preservar um mosaico cultural que hoje ajuda a explicar e, sobretudo, a compreender o passado, mesmo sem ou com poucas fontes escritas e documentadas. Isto, em si, aliás, os objectos que se encontram disponíveis no Museu, constituem um suplemento à informação teórica, pormenor muito importante para Moçambique que se ressentia da falta de fontes escritas.

Para cumprir, cabalmente, essa missão, Adelino Pereira teve que seguir algumas normas regulamentares enquadradas naquilo a que chamaremos de critério museológico<sup>2</sup>.

Partindo do pressuposto de que um museu não deve apenas circunscrever-se na compreensão do passado, mas

---

<sup>2</sup> Este termo pode equivaler ao da Política Museológica que compreende a colecção, aquisição, empréstimo e conservação de objectos.

também deve colocar questões numa perspectiva futura, e, nessa tentativa de olhar atrás para depois lançar projectos no futuro é importante, senão mesmo preponderante, mostrar a actualidade e as suas transformações, num contexto de desenvolvimento histórico.

### **Museu, o que é?**

De entre vários conceitos e definições de Museus, que não iremos discuti-los neste artigo, por não ser nossa intenção, optamos, por questões, puramente, convencionais, o adoptado pelo Conselho Internacional dos Museus como sendo *“toda a instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe com finalidade de estudo, educação e entretenimento, a evidência material do Homem e o seu meio ambiente”*.

Este conceito rompe o já clássico conceito de museu e esta nova perspectiva museológica se deve a Hugo de Varine, que por volta dos anos 70 do século XX assumiu a Presidência do Conselho Internacional dos Museus, que

estabeleceu novos objectivos e princípios, formulados em Santiago de Chile, nos seguintes documentos: *“Basic principles of the integral museum”* e *“Resolutions adopted by the round table of Santiago, Chile”*<sup>3</sup>.

### **Quem visita os Museus?**

Por definição, museu é um lugar público, porém, os museus são ainda lugares para a elite, público esclarecido e instruído, para a educação e sobretudo para turistas. Ainda não há, entre nós, moçambicanos, o hábito de visitar museus, salvo algumas excepções quando houver exposições. Mesmo nessas ocasiões, o público visitante tende a ser, infelizmente, selectivo.

Sem entrar em pormenores, apenas um de entre vários exemplos, o Museu Nacional de Etnologia, foi visitado ao longo do ano de 2016 por 711 pessoas, destas mais de 80% eram estudantes cuja missão era a consulta de livros e outros acervos para fins académicos e/ou à procura de anúncios de vagas de emprego nos jornais, sobretudo, o Jornal

---

<sup>3</sup> Para mais pormenores sobre estes textos consultar o Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo

Notícias que, o Museu, felizmente, tem contrato de fornecimento.

Como se pode depreender das estatísticas, ora apresentadas, há, de facto, uma lacuna no que se refere à cultura de visitar museus, como parte das actividades de lazer e/ou de entretenimento ou até de informação/formação.

### **Então, como atrair o público para o Museu?**

Sabe-se, de antemão, que uma das funções de um museu é a exposição quer seja temporária ou permanente de objectos de arte, música, dança, etc. Terá de ser a partir da exposição que as pessoas passarão a visitar o museu, mas aconselha-se que essa exposição, para que tenha grande impacto, deve incorporar, simultaneamente, aspectos de carácter educativo e recreativo, ou seja, deve tratar de assuntos que sejam relevantes para o público a quem se dirige.

Portanto, o sucesso de uma exposição depende, de entre vários factores, dos órgãos de comunicação social; pois, são estes que podem promover a exposição,

através de publicidade e outros serviços de marketing.

Voltando à questão do Boletim do Museu de Nampula, importa referir que, se a memória não nos trai, deve ter tido, provavelmente, dois volumes, sendo o I publicado em 1960 e o II, em 1961.

A continuidade deste projecto tinha que depender de um conjunto de factores. Houve uma série de mudanças na máquina do poder político-administrativo, na altura. O então Comandante Eugénio Ferreira de Almeida, Governador do Distrito de Nampula (hoje Província) e Patrono do Museu, teve de regressar à metrópole, Portugal, finda a sua missão civil, bem como o Secretário Distrital o Intendente Cristóvão Júlio, teria de ausentar-se por imperativos, também, profissionais<sup>4</sup>.

Devido a este e outros factos, a ideia de fundar a **Associação dos Amigos do Museu de Nampula**, surgiu e impôs-se logo após ter sido inaugurada a primeira

---

<sup>4</sup> **Boletim do Museu de Nampula**, 1960:152. Neste contexto, o Museu, se afortunado, teria de encontrar formas de sobreviver, crescer e prosseguir na caminhada ascensional a que se propunha.

fase de construção do edifício em que se encontra instalado o museu.

Aliás, a necessidade de organizar a Associação, angariar amigos e fundos, seleccionar timoneiros e conjugar esforços, no sentido de construir os pavilhões indispensáveis à completa instalação do Museu, da Biblioteca, Arquivo e serviços burocráticos, de continuar a enriquecê-lo, valorizá-lo e divulgá-lo através de um Boletim, foi uma grande aposta que teve seus frutos.

Para quem conhece e já visitou o **Museu Nacional de Etnologia de Nampula**, diga-se em abono de verdade, o Arquitecto Mário de Oliveira, pôde sentir-se feliz, pois o seu projecto instalou-se num moderno, imponente e elegante edifício público, com o seu “*hall*”<sup>5</sup> a emprestar sobriedade e beleza.

Com vista à prossecução dos seus ideais, três objectivos configuraram os argumentos da fundação da “**Associação dos Amigos do Museu**”: i) contribuir para o enriquecimento e conservação do Museu de Nampula ii) contribuir para os

trabalhos de investigação científica efectuados ou a efectuar e iii) contribuir, de um modo geral, para o desenvolvimento intelectual, moral e físico das populações do norte e, em especial, de Nampula.

Por outro lado, esta Associação teve vários projectos à vista sendo de destacar a construção dos pavilhões destinados à instalação das secções de História de ocupação, Galeria de arte, Cinegética, Botânica, Aquário, Aldeia e Oficina de escultura maconde<sup>6</sup>.

Hoje, e embora com outro estatuto, grande parte destes projectos estão em curso, quer contando com apoios do governo, quer das ONG’s e outras instituições e entidades públicas, privadas e singulares que operam nesta área.

Numa dessas aventuras de homem insatisfeito e embatucado pelas quietudes do sol à nascença, tivemos, como sempre, a ousadia de visitar a Biblioteca do Museu. Uma curiosidade se nos abateu: um conjunto de

---

<sup>5</sup> **Boletim do Museu de Nampula**, 1960:11. Extrato do roteiro assinado pelos seus redatores, M.A.George e Adriano Pereira.

---

<sup>6</sup> Para mais pormenores sobre este assunto veja o **Boletim do Museu de Nampula**, 1960:152.

fotografias em cliché de Adriano Pereira tiradas na Regedoria Capoca, M'perequere, em Cabo Delgado, após a terceira mutilação étnica, mostrando ou melhor evidenciando uma característica original, porque não, identitária da tatuagem maconde, sobre o rosto de dois garotos, feita a sangue frio e executada através de estiletos para tatuagem, prosternaram-nos.

Detivemo-nos durante alguns momentos a apreciar e, sobretudo, a querer compreender o seu quê. Que significados têm estas tatuagens sobre o rosto, no seio de uma comunidade maconde? Perguntamo-nos, a nós mesmos, e a resposta não tardou a aparecer.

Numa conversa informal, algures, com o director deste Museu, que por sinal assume-se como pertença deste grupo etnolinguístico (maconde), dissera-nos que: *“aquilo é um símbolo de maturidade e aptidão para enfrentar a vida... e quem não tivesse sido submetido a esta prática ainda não estava apto para a vida”*.

Nalgumas linhas atrás, fizemos alguma menção, diga-se de passagem, sobre a

terceira mutilação étnica, nestas agora fazemos referência às outras duas mutilações que consistem: i) na limagem dos dentes mediante pedras e/ou instrumentos cortantes e ii) no corte do prepúcio, ou seja, circuncisão.

A circuncisão, tanto entre os macua-lomwés como entre os macondes, e provavelmente, outras etnias, o ritual é semelhante, *“mutatis mutandis”*<sup>7</sup>. Ela é uma imposição social, sendo motivo de ostracismo e execração pública o facto de se furtarem a esta obrigação.

Os rapazes sujeitos, da mesma forma, à circuncisão, consideram-se amigos e prestam-se, anos corridos, grandes provas de solidariedade. Às cerimónias fúnebres participa (va) o rapaz que tenha (ou que tivesse) passado pelos ritos de iniciação, e, a circuncisão entre os rapazes é um marco que evidencia a passagem pelos ritos de iniciação e que confere credibilidade para actos desta índole.

---

<sup>7</sup> Baptista, Abel dos Santos. **Monografia Etnográfica sobre os Macuas**, 1951: 50-51. Este extracto faz parte de um ensaio etnográfico, fruto de observações colhidas das populações locais...

Na entrada ao Museu, duas peças escultoricamente trabalhadas a maconde e “*com o seu quê de ideação egípcia*”<sup>8</sup> estampam a imaginação de qualquer um. E com elas pode idealizar-se uma amostra sugestiva do poder escultórico dos macondes, povo de artistas, senhores de um estilo próprio, que é preciso manter na pureza das suas formas, longe de qualquer influência comprometedora.

Com uma organização impressionante, o Museu não só expõe objectos de arte e cultura mas é, em si, um autêntico recheio rico e expressivo com uma esmerada apresentação da vida e obra dos povos não só do Norte de Moçambique. Numa rápida digressão pelo museu não se pode ver tudo e compreender tudo porque o seu património é de extraordinária riqueza de objectos que podem escapar à primeira observação.

Inicialmente, concebido para várias secções, desde, História, Arqueologia, Numismática, Mineralogia, até Cinegética, hoje com uma diversidade

gama de objectos devidamente etiquetados, a secção de Etnologia tende a “invadir” as restantes, pois como se sabe, actualmente, há uma tendência de os museus especializarem-se.

Com um pouco mais de 60 anos a funcionar, o **Museu Nacional de Etnologia** viveu momentos de mudanças e transformações que criaram uma dinâmica diferente e um impulso cada vez mais promissor. E, embora registre com maior predominância a arte e escultura macondes, o **MUSET**, como também é, institucionalmente, conhecido, tem-se esforçado no sentido de chamar a si a missão de pesquisa e/ou investigação científica, pese embora se ressinta da falta de pessoal com qualificações apropriadas e vocacionado para o efeito, situação que não só acontece com o MUSET, mas com qualquer instituição museológica do nosso Moçambique.

A finalizar, importa aqui e agora destacar a importância de que se reveste a valorização do nosso património cultural, e fazendo menção revitalizadora de alguns dos extractos da Resolução nº 4/79 da Comissão

---

<sup>8</sup> Veja o artigo de Pedro Guilherme Kulyumba, sobre o Museu Nacional de Etnologia, in **Índico**, Serie II Nº 19, 2002:14-15



Permanente da Assembleia Popular, temos a salientar o seguinte: “... *Importa portanto conservar, como símbolo da tenacidade e determinação do nosso povo, como memória da humilhação e dominação estrangeira e como fonte de inspiração e ensinamento para as gerações vindouras todos os vestígios históricos da criatividade e luta do Povo Moçambicano...*”<sup>9</sup>

A mensagem anterior não só é dedicada ao **Museu Nacional da Moeda**, (local onde se encontra patente esta Resolução) mas a todos os museus, pois eles são o depositário das mais diversificadas formas do nosso mosaico cultural.

Para compreender o passado, o legado que os museus deixam no público deve circunscrever-se, sobretudo, no velho provérbio chinês que diz:

***“O que ouço esqueço***

***O que vejo recordo***

***O que faço compreendo”.***

---

<sup>9</sup> O Guião do Museu, Museu Nacional de Moeda, 1983:3.

## **Bibliografia**

Baptista, Abel dos Santos. (1951). *Monografia Etnográfica sobre os Macuas*. Lisboa: Divisão de Publicações e Biblioteca, Agencia Geral do Ultramar.

Copans, Jean. (1999). *Introdução a Etnologia e a Antropologia*. Lisboa: Publicações Europa-América, Coleção Saber.

LAM. (2002). *Indico, Revista de Bordo. N° 19, Série II*. Maputo.

Martinez, Francisco Lerma. (2008). *O Povo Macua e a sua cultura. Análise dos valores culturais do povo macua no ciclo vital*. 2ª ed. Maputo: Paulinas-Livraria e Audiovisuais.

Museu Nacional de Etnologia. (1960). *Boletim do Museu de Nampula*.

Museu Nacional de Moeda. (1983). *O Guião do Museu*. Maputo.